

Don'Ana Badaró, mulher de terra e chuva

Luciana de Moraes Rayol*

Resumo

Este artigo apresenta um estudo sobre o embrião do feminino na obra de Jorge Amado. Seu objetivo foi focalizar a análise na personagem Don'Ana Badaró (Terras do sem-fim e São Jorge dos Ilhéus), uma das precursoras desse feminino, reconhecendo na mesma um ideal feminino e social, assim como os motivos pelos quais ela foi classificada como uma mulher de terra e chuva. O trabalho se concentrou, principalmente, no levantamento de dados e na análise sobre a figura feminina, também contando com a apresentação do livro Terras do sem-fim – no qual Don'Ana Badaró mais se destaca –, abordando enredo, contexto histórico, fortuna crítica; e a apresentação da personagem estudada – seu nome com seus significados e variantes, suas características físicas e psicológicas, sua relação com as demais personagens do livro.

* Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas, professora de Português e Literatura Brasileira da Secretaria de Educação do Estado do Pará, e-mail: anadiomena79@gmail.com.

Palavras-chave: Feminino. História. Literatura. Social.

"... pois, para mim, os livros de Jorge Amado são livros de poesia. As vidas, que ele contou desde menino até agora, aumentaram a minha humanidade, de ternura, pena, esperança."

Álvaro Moreyra

"Quando o cachorro uivou no terreiro, Don'Ana Badaró se estremeceu na rede. Não era medo, na cidade, nos povoados e nas fazendas a gente dizia que os Badarós não sabiam o que era medo."

"– Diabo de mulher corajosa!"

Jorge Amado

Em 1943, Amado publica Terras do sem-fim, com uma espécie de subtítulo denominada "A terra adubada com sangue", e dividido em seis capítulos: "O navio", "A mata", "Gestação de cidades", "O mar", "A luta", e "O progresso".

O romance traz de volta a temática da luta pelas terras na zona cacauífera, já abordada, dez anos antes, em Cacau. Silverman explana sobre a relação entre os romances:

Terras do sem-fim (1943), como **Cacau**, é um romance irrevogavelmente ligado às plantações de cacau da Bahia, e aos que lutam pelo seu domínio. Diversamente de **Cacau**, porém, ou por sinal, de qualquer outro romance incluído neste primeiro ciclo, é ao mesmo tempo apolítico e, nas palavras de Miécio Tati, 'um western tropical' que se desenrola no Brasil de antes da Primeira Guerra Mundial, e em que poderosos coronéis tanto dependem dos seus capangas quanto dos transitórios governos estaduais. Érico Veríssimo sintetiza-o melhor que ninguém como 'um desfile barbaresco de heróis e bandidos, potentes e indigentes, prostitutas e santos, gente comum e almas do outro mundo'. Cada personagem pertence ao grupo de um ou outro dos coronéis rivais, e todos por sua vez se subordinam à versão local do Rei Algodão: o cacau. (SILVERMAN, 1978, p. 145).

Terras do sem-fim, nono livro escrito por Jorge Amado, foi aclamado pela crítica como nenhuma outra obra do autor fora antes, apontando, não só para a evolução da narrativa do autor até aquele momento, como também para seu aprimoramento futuro.

Nas palavras de Moacir Werneck de Castro:

Terras do sem-fim é sem dúvida o melhor romance que Jorge Amado já escreveu, e dá testemunho de uma força criadora desperta, capaz de produzir ainda os seus melhores frutos. O sopro de epopéia que o atravessa excede o de todas as tentativas anteriores tomadas em conjunto.

(...)

A paixão popular no romancista Jorge Amado é o que lhe dá força; ele será tanto maior romancista quanto mais conseguir ser povo, apaixonadamente povo. Essa paixão transportada para a arte significa eliminação impiedosa do falso grandiloquente, do preconcebido demagógico que aparece como um osso entre as carnes de uma perna dilacerada. Jorge Amado fugiu a esse truque fácil e cresceu muito. Esta sua história é realmente 'uma história de espan-tar'. (CASTRO, 1961, p. 167).

Para Werneck de Castro, estava claro que considerar **Terras do sem-fim** o melhor livro de Jorge Amado e reconhecer o crescimento do autor, não significava algo definitivo. Para ele, Amado, pelas mãos de sua paixão pelo povo, pelas histórias do (seu) povo, poderia chegar ainda mais longe e produzir ainda melhor.

Já Oswald de Andrade, percebe no livro e, por conseguinte, no autor, as seguintes características:

Terras do sem-fim transcende do romance, é obra de rapsodo e canto de bardo. E nada mais ajustado à natureza poética de seu autor, que aquele desfilar heróico de capangas e sicários, de advogados e coronéis, de senhoras românticas e mulheres de má vida, no drama da conquista da mata pelos primeiros latifundiários baianos.

Não há figura que se destaque nesse livro admirável. O background formiga de heróis vivos, de heroínas puras e simples. As mulheres de Tabocas e Ferradas são de uma singelidade bíblica. Os negros matadores também. Toda essa gente realiza, no Brasil do cacau, o primeiro avanço da civilização e da economia. E na economia, na história econômica da terra, é que se prende a ficção para lhe dar peso, estrutura e verdade. (ANDRADE, 1961, p. 166).

O escritor reconhece a "natureza poética" de Amado, assim como a não-existência de uma "figura que se destaque" – o que não é primordial para esta análise.

Gilberto Freyre, autor essencial para a obra de Jorge Amado¹, também discorreu sobre a importância de **Terras do sem-fim**:

Em **Terras do sem-fim**, Jorge Amado nos põe em contato com um grande drama brasileiro, americano, humano e não apenas baiano: o da conquista de terras. O cacau dá a esse drama sabor local sem comprometer-lhe a universalidade de sentido.

Talvez não se encontrem em nossa literatura, nem mesmo na do continente inteiro, páginas mais vigorosamente dramáticas do que as que acaba de publicar o autor de Jubiabá. Seu extraordinário poder dramático parece ter encontrado o assunto que lhe faltava para afirmar-se de modo definitivo. (FREYRE, 1961, p. 189).

Como vemos, Freyre faz questão de pontuar o quão universal é esse romance, rejeitando a ideia de regionalismo tão recorrente quando se comenta a obra do

¹ Participação de Alberto Costa e Silva na mesa redonda "Jorge Amado e seu Brasil", no Seminário Acadêmico Internacional Jorge Amado, São Paulo, 25 mai. 2010.

autor baiano.

Em mesa redonda intitulada "Jorge Amado e seu Brasil", no "Seminário Acadêmico Internacional Jorge Amado", Alberto Costa e Silva também refutou o regionalismo como característica da obra de Amado afirmando que "o termo regionalismo encolhe, deixa o autor menor; é uma pecha que não se sustenta" (Informação verbal)². Para ele, regionalismo é Brasil e Amado via a Bahia como uma metáfora do Brasil, não podendo sua obra, portanto, ser regionalista.

Assim como aconteceu com *Capitães da Areia*, *Terras do sem-fim* ganhou o mundo, popularizando ainda mais Jorge Amado, ainda que clandestinamente em alguns casos, como relata Nestor de Holanda:

Aquele mesmo **Terras do sem-fim**, com as mais diversas capas numa infinidade de traduções, pode ser encontrado em qualquer parte do mundo. Em pleno coração da Sibéria Oriental, no quiosque de livros, numa esquina de Iscútisque, **Bescraninije Zemh** estava à venda. Vi a mesma edição na grande livraria de Tasquente, em plena Ásia Central, e entre os livros mais pedidos da biblioteca, da fazenda-coletiva, na Ucrânia. **Zeme Bez Conce** era a grande atração da vitrina da livraria da Praça Venceslau, de Praga, e a França leu **Terre Violente**, em folhetim, em "*Femmes Françaises*", para, depois, a Nagel esgotar edições seguidas. O amigo de Madri me perguntou se não queria comprar, às escondidas, a edição uruguaia de *Tierras del Sin Fin*, e Portugal acaba de liberar as obras de Jorge Amado, porque, quando proibidas, ele já era o escritor mais lido na terra lusa... (HOLANDA, 1961, p. 192, 193).

Um dos críticos que mais se deteve na análise de *Terras do sem-fim* foi Antonio Candido. Para Candido, "o Sr. Jorge Amado é um autor entre a prosa e a poesia." (CANDIDO, 1961, p. 175). Uma poesia já marcadamente vista em *Mar morto*, livro de onde, por sinal, saiu o título do livro de 1943:

Um dos críticos que mais se deteve na análise de *Terras do sem-fim* foi Antonio Candido. Para Candido, "o Sr. Jorge Amado é um autor entre a prosa e a poesia." (CANDIDO, 1961, p. 175). Uma poesia já marcadamente vista em *Mar morto*, livro de onde, por sinal, saiu o título do livro de 1943:

O nome deste romance apareceu em **Mar morto**, dando título a um dos seus capítulos. É o lugar misterioso, as terras para onde Iemanjá leva os marítimos naufragados e contam que tal viagem '(...) vale bem essa vida porca que eles levam no cais'. (CANDIDO, 1961, p. 177).

O crítico classifica *Terras do sem-fim* como um romance histórico e vislumbra no mesmo a fusão harmoniosa entre documento e poesia – uma poesia que fala de elementos da natureza, mas, sobretudo, fala do amor:

Água, mato, noite, vento. Temas, que são a poesia mesma dos livros do Sr. Jorge Amado, tratados, não com a larga melancolia schmidteana, mas com a eloquência profunda que os arrasta para a épica, para a veemência às vezes quase retórica, amplificadora e persuasiva, neste baiano, da terra dos oradores e de Castro Alves.

Graças a esses temas, o Sr. Jorge Amado, inscreve a sua obra no mundo, dando-lhe um sentido telúrico. Mas dominando-os, se instala o tema humano do amor, que paira sobre eles.

O amor carrega de uma surda tensão as páginas dos seus romances, avultando por cima do rumor das outras paixões. Na nossa literatura moderna, o Sr. Jorge Amado é o maior romancista do amor, força de carne e de sangue que arrasta os seus personagens para um extraordinário clima lírico. Amor

² Participação de Alberto Costa e Silva na mesa redonda "Jorge Amado e seu Brasil", no Seminário Acadêmico Internacional Jorge Amado, São Paulo, 25 mai. 2010.

dos ricos e dos pobres; amor dos pretos, dos operários, que antes não tinha estado de literatura senão edulcorado pelo bucolismo ou bestializado pelos naturalistas. (CANDIDO, 1961, p. 173, 174).

Além de considerar Amado “o maior romancista do amor”, Antonio Candido viu em **Terras do sem-fim** seu maior livro – em comparação, diga-se, com os anteriores. Para ele, com esse livro, Amado consegue conjugar a poesia e a história, dando ao romance o escopo psicológico profundo que faltava em sua obra.

Nesse livro já não vemos a impaciência de outrora de Amado, mas o refinamento de suas qualidades. Para Candido, é um grande romance, mesmo que ele não saiba, naquele momento, dimensioná-lo:

É este, sem dúvida alguma o seu maior livro. Muito maior do que os outros, mesmo Jubiabá. É um grande romance, cujo significado na nossa literatura não pode no momento ser bem aquilatado. Com a perspectiva aberta pelo tempo se verá sem dúvida o que ele representa como culminância de toda uma linha de ficção brasileira, que procurei definir acima. O que tem de clássico a seu modo, como expressão definitiva de todo um pensamento e toda uma atitude literária que têm fecundado nossas letras há mais de dez anos. E ter cabido este privilégio ao mais indisciplinado dos seus representantes, ao Jorge Amado descuidado e impaciente dos livros anteriores, é um símbolo, não sem beleza, da força que tem a inteligência ordenadora do artista sobre o material bruto da evidência documentária e o impulso irresistível da inspiração. Graças a essa força, **Terras do sem-fim** é um dos grandes romances contemporâneos. (CANDIDO, 1961, p. 179).

Nas palavras de Eduardo Assis Duarte, “**Terras do sem-fim** se impõe a toda obra de Jorge Amado como um de seus maiores expoentes” (DUARTE, 1996, p. 151), merecendo papel de destaque na literatura:

O sociólogo (Roger Bastide) vê em **Terras do sem-fim** ‘uma das mais puras obras-primas da literatura brasileira e mesmo da literatura tout court’ e lê o texto como um ‘romance poético’, contribuição inovadora para a transformação da herança naturalista. (DUARTE, 1996, p. 32, 33).

Assis Duarte também constata, em **Terras do sem-fim** e em **São Jorge dos Ilhéus**, o deslocamento, feito por Jorge Amado, da composição do herói para a composição da sociedade, que girava em torno do cacau, no sul da Bahia.

Ao ler **Terras do sem-fim** e **São Jorge dos Ilhéus** – um seguido do outro –, meu olhar feminino se prendeu aos mais diversos recortes. Esses livros, o próprio Jorge Amado admitia, são na verdade um só, com uma passagem de tempo de trinta anos entre si.

Neles, desfilam tipos femininos muito instigantes: Don'Ana Badaró, Raimunda – duas das personagens que são focadas em minha pesquisa – Ester, Margot, Julieta Zude, Lola Espínola, Rita.

Contudo, o momento de maior impacto para mim foi quando conheci a história lancinantemente bonita das três irmãs – Lúcia, Violeta e Maria – unidas em seu destino. Ao contá-la, Jorge Amado estava incontestavelmente entregue a sua maneira poética de escrever prosa. Nas palavras de Carlos Cunha:

Quando li pela primeira vez **Terras do sem-fim** e **São Jorge dos Ilhéus**, senti-me perplexo entre uma canção de gesta e um poema de Homero. (...) Epopeias são de fato os romances de Jorge Amado. Aedo do Sertão, descreve e canta. O seu estilo, respiratório e largo, tem o ritmo dos mais belos versos.

Por vezes é verso mesmo: 'Você não viu Rosa? Não vi ela não'. Ou aquele inesquecível capítulo, aquela romanza de **Terras do sem-fim**: 'Era uma vez três irmãs, Maria, Lúcia e Violeta...'. O romance alarga as suas fronteiras, os gêneros indiferenciam-se, poesia e prosa confinam nos livros de Jorge Amado. (CUNHA, 1961, p. 220, 221).

Lúcia, Violeta e Maria dançam em um desenho de Diego Rivera oferecido a Jorge e Zélia – desenho com forte influência do quadro "A dança", de Henri Matisse, e que ilustra a edição de **Terras do sem-fim** da "Companhia das Letras" – assim como dançam no meio das terras do sem-fim.

A primeira foi possuída pelo dono da fazenda; a segunda pelo capataz – o que fez com que o pai rompesse com as duas, como se elas fossem as culpadas –; a terceira pelo verdadeiro amor. As duas primeiras foram abandonadas pelos homens e a terceira enviuvou – sendo violentada pelo dono da fazenda ainda no velório do marido. Unidas em seu destino, as três irmãs foram parar na rua da lama, sobrevivendo da prostituição. Para Assis Duarte:

O caso das três irmãs prostitutas é de uma exemplaridade típica [do estatuto de submissão]. Todas vivem situações de sedução, logo seguida de abandono: primeiro, o abandono paterno; logo depois, o desprezo do amante. Mas, ao contrário da submissão passiva de muitas, a mais velha das três irmãs não se envergonha de responsabilizar o coronel pela vida sofrida da família: 'um bandido daqueles (...) aquilo é a pior miséria do mundo'. (DUARTE, 1996, p. 138).

Observamos que Maria é, das três irmãs, quem tem uma trajetória melhor – casou por amor e enviuvou –, entretanto, é Lúcia, a irmã mais velha – e a que primeiro começou a sofrer – quem tem a consciência do sofrimento que o coronel fez sua família passar.

Jorge Amado, além de abordar, com a história das três irmãs, o tema da prostituição – tema que será debatido em maior amplitude em **Tereza Batista cansada de guerra**, de 1972 –, também aproveita a morte do pai delas para discutir a exploração que vitimava aqueles trabalhadores rurais; ele morre devendo, após mais de dez anos de serviço ao coronel Teodoro, que se recusa a ajudar no enterro ou mesmo no traslado do corpo ao encontro das filhas, e ainda ameaça transferir a dívida do morto para as três, já "que rapariga ganha muito dinheiro...". (AMADO, 1982a, p. 87).

Don'Ana Badaró não chegou a conviver com as três irmãs Lúcia, Violeta e Maria. Tampouco travou relações com dona Ester, esposa do coronel Horácio da Silveira, arquiinimigo de seu pai, Sinhô Badaró, e de seu tio, Juca; e menos ainda com a prostituta Margot, amante do Dr. Virgílio, advogado de Horácio, e, posteriormente, amante do próprio Juca Badaró.

Todas essas personagens são importantes na construção do feminino amadiano. Com elas, podemos observar a evolução da presença desse feminino. Todavia, a escolha por Don'Ana Badaró se justifica por ela ser aquela que detém as características de heroína que busco.

Ela não é frágil e sonhadora como Ester – que lembra muito a Luísa, de **O primo Basílio**³ – nem dependente como Margot – que vem da capital atrás do advogado, Dr. Virgílio.

Antes, é uma heroína que não se rende nunca – pelo menos não ao longo da narrativa de **Terras do sem-fim**. É honesto dizer que acredito ter Don'Ana se rendido em **São Jorge dos Ilhéus**, e mais adiante retomarei esse assunto.

Os domínios de Don'Ana eram a casa-grande da fazenda em que vivia com o

³ Livro realista escrito em 1878, pelo autor português Eça de Queiroz.

pai e o tio:

Da casa-grande de sua fazenda Sinhô comanda a situação política local tendo em volta o clã e os aliados fiéis. A seu lado está Juca Badaró, irmão mais novo e 'cavaleiro andante da terra do cacau' (p. 283), alguém assim como um Roldão dos trópicos a dar combate aos inimigos do patriarca. A esta corte não podia faltar uma princesa, e ela está presente na figura impetuosa de Don'Ana (senhora, sinhazinha), inscrita como donzela guerreira, descendente de tantas outras congêneres da tradição oral. Tal como Ana Terra⁴, Guidinha do Poço⁵ ou Luzia Homem⁶, a filha de Sinhô tem a 'visão de vida' e a bravura dos que conquistam e defendem a bala suas posses e objetivos. (DUARTE, 1996, p. 132).

⁴ Personagem de O tempo e o vento, de Erico Veríssimo.

⁵ Personagem de Dona Guidinha do Poço, de Manuel de Oliveira Paiva.

⁶ Personagem de Luzia-Homem, de Domingos Olímpio.

Assis Duarte desenvolve uma descrição muito adequada ao falar do clã Badaró como uma "corte", dando o título de "princesa" a Don'Ana, sem esquecer de assinalar que não se trata de uma princesa convencional. Essa princesa do sul da Bahia é "impetuosa", "guerreira", "brava".

Há também uma associação do nome Don'Ana com "senhora, sinhazinha", sendo "Don'Ana" uma insinuação de "dona": uma pequena dona, uma doninha, uma donana.

Interessante ainda é a aproximação feita entre Don'Ana, Ana Terra, Guidinha do Poço e Luzia Homem, servindo para situar a importância da personagem não só na obra de Jorge Amado, como entre os tipos femininos da literatura brasileira.

Rolmes Barbosa, ao exaltar o talento de Jorge Amado para criar personagens, também cita o parentesco entre Don'Ana e Luzia Homem, sem deixar de pontuar o realismo e a dualidade da personagem:

E, além disso, que vigor concentrado na criação de tipos e caracteres! Don'Ana ficará na nossa literatura como um tipo único, meio-parenta da 'Luzia-Homem', de Domingos Olímpio, embora mais profunda e complexa. Por mais fictícia que ela possa parecer à primeira vista, no fundo é bem real e humana – seja quando a vemos palpitante de amor e de timidez diante do capitão Magalhães, seja quando a vemos encontrar, feroz e sanguinária, enfrentando o coronel Horácio. (BARBOSA, 1961, p. 197, 198).

De acordo com Azevedo (1993), Ana é um nome bíblico, que vem do hebraico Hannah, e significa graça, misericórdia. Trata-se do nome da mãe da Virgem Maria, Sant'Ana, avó de Jesus.

Don'Ana Badaró era sim uma moça graciosa, mas a misericórdia passava longe de seus atos quando se tratava dos inimigos de sua família.

Os Badarós viviam tempos de guerra com o coronel Horácio da Silveira. Cada um com seus aliados, lutavam pelas terras do Sequeiro Grande, para expandir cada vez mais suas plantações de cacau – moeda corrente na época.

Como nos livros anteriores de Amado, os heróis masculinos têm maior destaque, pairando um equilíbrio entre eles e nas relações travadas com o feminino, como destaca Silverman:

É interessante notar que entre as figuras principais parece haver uma deliberada intenção por parte do narrador de equilibrar umas contra as outras, assegurando desta forma a devida expectativa quanto à facção que há de finalmente conquistar o Sequeiro Grande. Por exemplo, ambos os coronéis, igualmente corajosos, procuram e obtêm auxílio externo, nas pessoas de Virgílio e João Magalhães; ambos têm a presença de uma mulher, Ester ou Don'Ana, que presta apoio moral, além de apaixonar-se pelo mencionado auxílio externo;

têm delicados advogados pessoais; perdem pessoas queridas no final da batalha; e cada qual controla um jornal e uma administração municipal. E o que é mais importante, cada qual só detém um temporário trunfo político, deixando assim em dúvida apenas o momento da queda súbita do aparente vencedor. Indiretamente ligadas a esse equilíbrio de forças, existem ainda outras relações contrabalançadas: entre João Magalhães e Don'Ana de um lado, e Antônio Vítor e Raimunda do outro; sendo que todos simultaneamente (embora inconscientemente) complementam-se um ao outro e aos seus iguais de sexo. Por sinal, essas relações têm prosseguimento em **São Jorge dos Ilhéus**, onde todas reaparecem. (SILVERMAN, 1978, p. 146, 147).

Roger Bastide também se deteve nesse paralelismo existente entre as personagens:

Depois [que os principais personagens nos são apresentados] se abre a luta dos dois clãs e há um paralelismo entre eles. A poesia aqui nasce do equilíbrio harmonioso de um em presença do outro, as suas intrigas se cruzando; João Magalhães correspondendo a Virgílio; o amor deste por Ester que o faz passar do arrivismo ao amor da terra, correspondendo ao do capitão por Don'Ana; a passagem de Virgílio de Margot a Ester encontrando a sua correspondência, em plano inferior, na de Antônio Vítor de Ivone para Raimunda. (BASTIDE, 1961, p. 195).

As equações Ester-Don'Ana e Don'Ana-Raimunda são apropriadas. No entanto, até por fazerem parte do mesmo grupo, o dos Badarós, Don'Ana e Raimunda têm mais em comum. Já entre Ester e Don'Ana são as diferenças que predominam, como já pontuamos anteriormente.

Ser uma Badaró já significava que Don'Ana era uma mulher valente – como se Badaró fosse um pleonismo de valentia:

Ela era conhecida em Ilhéus como “uma moça estranha, pouco chegada às conversas das comadres, pouco amiga das festas de igreja (apesar da mãe tão religiosa), pouco amiga de bailes e namorados. (...) Vivera sempre mais interessada em aprender a montar cavalo, a atirar, a saber dos mistérios da terra e das plantações. (...) Sabia o nome de todos os animais que a família possuía, mesmo dos burros de carga. Tomara a si a contabilidade dos negócios dos Badarós e era a ela que Sinhô se dirigia cada vez que necessitava de uma informação. A esposa de Juca dizia sempre que ‘Don'Ana deveria ter nascido homem’. (AMADO, 1982a, p. 179).

É válido ressaltar três pontos na descrição de Don'Ana: o primeiro é a ligação com a terra, com os “mistérios da terra e das plantações”, o que justifica, ainda que de maneira rasa, a classificação de Don'Ana como uma mulher de terra e chuva.

O segundo é o fato de Don'Ana ser uma mulher a frente de seu tempo, operosa não só com assuntos domésticos como era costume na época, mas com a contabilidade dos negócios de sua família, uma responsabilidade por ela mesma buscada – sem imposição ou necessidade (como nos casos de Linda, Livia e Dora), diga-se.

E o terceiro é a afirmação da esposa de Juca, que dizia que “Don'Ana deveria ter nascido homem” – uma afirmação que não era para ser considerada um elogio e sim, uma reprovação, já que para ela Don'Ana deveria mais era se ocupar de vestidos e toaletes – como se tão somente de vestidos e toaletes pudesse o pensamento de uma mulher ser ocupado.

Don'Ana pertence a uma família poderosa e não se permite ser como a sociedade patriarcal da época exigia que uma mulher fosse.

Quando os “barulhos” do Sequeiro Grande começam, seu tio pede para ficar a sós com seu pai, para discutirem estratégias para lidar com o conflito com Horácio da Silveira. Mas Don'Ana se manteve firme na sala, mesmo depois de Olga e Raimunda se retirarem. Foi então que “ela recitou de memória, sem olhar sequer para o livro, os olhos fitos nos do pai: ‘Não te ponhas contra mim obrigando-me a deixar-te e a ir-me; porque para onde quer que tu fores irei eu; e onde quer que tu ficares, ficarei eu também’”. (AMADO, 1982a, p. 103).

E recitando essa passagem da Bíblia – a mesma Bíblia que Sinhô Badaró tinha por costume consultar antes de tomar qualquer atitude mais importante – ela acaba convencendo-o a deixá-la participar da reunião. E mesmo quando Juca argumenta que aqueles assuntos não eram coisa de mulher, Sinhô Badaró contra-argumenta que Don'Ana era uma Badaró também e que aquelas terras eram de interesse dela e de seus futuros filhos.

Don'Ana talvez fosse muito mais uma Badaró do que uma mulher naquele momento – só naquele momento? A sensação de inclusão, de sentir-se parte daquilo, daquela briga, por mais perigoso que fosse, fazia mesmo que ela se alegrasse: “Don'Ana Badaró estava alegre e a alegria fazia ainda mais formosa sua cabeça morena, de olhos ardentes e negros”. (AMADO, 1982a, p. 103).

Don'Ana só teve lampejos de vaidade quando conheceu o forasteiro Capitão João Magalhães. Para ele colocou um dos vestidos de sair, arriscou fazer um penteado parecido com o que vira em Ester em uma festa em Ilhéus, mas acabou sendo ridicularizada pelo tio, que não estava acostumado a vê-la deixar transparecer sua feminilidade.

O Capitão não se importava com nada daquilo. Ele já tinha sido arrebatado pelos olhos de Don'Ana, “aqueles olhos meigos, onde, de súbito, surgiam fulgurações intensas” (AMADO, 1982a, p. 179); pelo “jeito brusco que ela tinha, ora meiga, ora severa, trancada na sua virgindade sem beijos e sem sonhos de amor”. (AMADO, 1982a, p. 184).

O inveterado jogador, apesar de ter ido parar naquelas terras com o intuito único de dar golpes para sobreviver, genuinamente se encantou por Don'Ana, por seus olhos que não o deixavam mais ir embora daquele lugar cheio de conflitos que nada tinham a ver com ele.

Tudo e todos ali giravam em torno da terra. Considero Don'Ana uma mulher de terra e chuva, mas isso não era uma exclusividade dela.

Entretanto, Don'Ana está muito mais ligada ao conceito de terra do que ao de chuva. Sobre esse conceito, Chevalier & Gheerbrant destacam:

Ela [terra] sustenta, enquanto o céu cobre. Todos os seres recebem dela o seu nascimento, pois é mulher e mãe, mas a terra é completamente submissa ao princípio ativo do céu. O animal fêmea tem a natureza da terra. Positivamente, suas virtudes são doçura e submissão, firmeza e calma duradoura. Seria necessário acrescentar a humildade, etimologicamente ligada ao húmus, na direção do qual a terra se inclina e de que foi modelado o homem. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 879).

Simbolicamente, a terra é feminina e o animal fêmea tem essa mesma natureza. Todavia, as “virtudes” a ela atribuídas – doçura, submissão, firmeza, calma duradoura, humildade – não necessariamente cabem à Don'Ana.

Don'Ana tinha sim uma doçura, mas não era de fácil percepção. É provável que só o Capitão Magalhães tenha enxergado esse traço nela.

Submissão e calma duradoura também não faziam parte de suas características. Quando o pai resolve consultar a Bíblia para decidir se dá ou não a mão de

Don'Ana em casamento para João Magalhães, ela, de maneira forte e decidida o enfrenta: "– Diga o que disser, meu pai, eu só me caso com um homem no mundo: é com o capitão. Mesmo que seja sem sua bênção...

Disse e se jogou nos pés do pai, abraçando suas pernas". (AMADO, 1982a, p. 225).

Merece destaque o fato de que Don'Ana, ao mesmo tempo que enfrenta seu pai, também se mostra devotadamente humilde perante ele, ajoelhando-se aos seus pés.

Quanto à firmeza, o que podemos dizer de uma mulher que permanece até o último minuto, até a última bala defendendo a sua casa, o seu lar, as suas terras do inimigo?

Pois quando Horácio da Silveira invade a casa-grande dos Badarós e pensa não ter mais ninguém por lá, é Don'Ana quem, no sótão, dá os últimos tiros de proteção de si e de toda história de sua família.

Ao ver que terminou sua munição, ela atira a arma aos pés do coronel Horácio, chama-o de assassino e fala que ele pode mandar matá-la. Os homens do coronel ficaram assombrados com a resistência de Don'Ana, e o próprio Horácio, depois de dizer que não mata mulher, só consegue colocar fogo na casa depois que ela monta a cavalo e vai embora.

Por essas e muitas outras atitudes é que podemos afirmar que se há uma personagem **feminina de destaque – ou alguém que se aproxime disso – em** Terras do sem-fim esta personagem é Don'Ana Badaró. Uma mulher que não se conforma com a condição secundária imposta à mulher de seu tempo – só de seu tempo? – e se posiciona.

É de suma importância que se perceba que Don'Ana Badaró teve direito à escolha: escolheu seu marido e sua lida.

Mais tarde, dentro da continuação da linhagem do feminino amadiano, Dona Flor⁷ vai ter o direito de escolher não escolher, de decidir não decidir, de ficar com seus dois maridos. Dona Flor que é, de acordo com José Castello, uma "imagem de conciliação" (Informação verbal)⁸, não precisando mais enfrentar nada nem ninguém.

Quanto à chuva, é ela quem fecunda a terra para que esta possa florir. Contudo, devemos lembrar que, naqueles tempos, não era só a chuva que umedecia a mata; ela também era adubada com sangue, como já avisa, de início, o subtítulo de **Terras do sem-fim**.

Como já foi dito, o destaque de Don'Ana Badaró em **Terras do sem-fim** não persiste em **São Jorge dos Ilhéus**. Passados trinta anos, Don'Ana, já sem o pai e o tio, ainda é casada com o Capitão João Magalhães que, ao contrário do que havia prometido a Juca, não mudou seu sobrenome para Badaró. Sobre essa proposta do tio de Don'Ana, cabe a explicação de Saffioti:

As relações de produção e o prestígio ligado às posições no sistema produtivo interferiram, muitas vezes, nos costumes referentes à herança do nome de família. Foram os casamentos hipogâmicos que criaram essa descendência matrilinear cujo objetivo era manter, pelo menos nominalmente, a pureza da estirpe. Casamento de bacharel pobre ou mulato, ou de militar com iaiá de sobrado ou de casa-grande exigia a filiação materna a fim de que se preservassem, pelo menos, os nomes ilustres, já que o regime caminhava, a passos largos, para sua completa destruição. (SAFFIOTI, 1976, p. 172, 173).

Juca, ao ouvir o pedido de casamento de João Magalhães, dá seu apoio, mas frisa que, se ele entrar para a família, terá que mudar de nome, terá que se tornar um

⁷ Personagem-título do romance Dona Flor e seus dois maridos, escrito em 1966, por Jorge Amado.

⁸ Participação de José Castello na mesa redonda "Uma literatura amadiana", no Seminário Acadêmico Internacional Jorge Amado, São Paulo, 26 mai. 2010.

Badaró. O tio de Don'Ana pensa justamente na perpetuação do nome de seu clã, na "pureza da estirpe" ainda que apenas nominalmente. Ele sabe que os futuros Badarós virão de Don'Ana, já que a esposa dele não pode ter filhos e os filhos que ele tem mundo afora são bastardos, não levam seu nome.

Quando reencontramos Don'Ana Badaró trinta anos depois, na narrativa de **São Jorge dos Ilhéus**, "apesar de tudo que se passara, da pobreza e da decadência, ninguém se lembrava de chamá-la de Don'Ana Magalhães". (AMADO, 1982b, p. 90).

Ela e o Capitão ainda sonhavam em reviver os dias de glória dos Badarós. "Agora já não era por ela, nem mesmo pelo capitão, que desejava enriquecer. (...) Era pelos filhos, as meninas que haviam casado modestamente, os maridos precisando de ajuda". (AMADO, 1982b, p. 90).

É válido repetir aqui a indagação que o próprio narrador faz no livro: "Será mesmo que as filhas acalentam sonhos ou é apenas Don'Ana Badaró que sonha por elas?". (AMADO, 1982b, p. 90).

O sonho de Don'Ana ainda gira em torno da terra, do cacau. Quer ter dinheiro para investir outra vez nas terras que nunca permitira que o Capitão vendesse, mesmo nos momentos de maior aperto financeiro.

Passado tanto tempo, Don'Ana já sonha até pelos netos: em enriquecer de novo e que um deles usasse seu nome que estava desaparecendo com ela. A Don'Ana Badaró de **Terras do sem-fim** está muito, muito longe da Don'Ana que encontramos em **São Jorge dos Ilhéus**:

Onde está aquela morena tímida de antigamente, tímida ante os olhos namorados de João Magalhães, afoita e decidida, no entanto, como o mais corajoso dos homens, num momento de barulho, de luta e sangue? Trinta anos tinham rolado sobre ela e hoje seu cabelo negro embranqueceu, seus olhos tão belos murcharam, suas carnes duras amoleceram. Trinta anos de vida pobre quebra uma pessoa. Em Don'Ana, porém residia um orgulho que a sustentava por dentro, que impediu o ruir dos seus sonhos juntamente com o envelhecimento do seu corpo. (AMADO, 1982b, p. 91).

Primeiro, é justo pontuar a beleza dessa reflexão. Jorge Amado descreve Don'Ana Badaró como a uma velha amiga que acaba de reencontrar e esse tipo de reencontro é um bálsamo para leitores que sentem saudade de determinados personagens a ponto de se perguntarem, passado o tempo, como estaria cada um deles – mesmo que esse reencontro cause algum tipo de decepção.

Fora isso, há aqui a referência a Don'Ana "como o mais corajoso dos homens". Ao contrário da afirmação desdenhosa de Olga (de que Don'Ana deveria ter nascido homem), para o autor, tudo indica ser um elogio se referir assim a Don'Ana. Contudo, não seria mais honroso dizer que ela era como a mais corajosa das mulheres? Por que ao se falar em coragem, em força, em valentia, em trabalho os homens têm que ser o parâmetro?

E, apesar do orgulho e dos sonhos, ao quebrarem – junto com todos os outros fazendeiros, diga-se – e terem que entregar a fazenda aos exportadores de cacau – Don'Ana e o Capitão acabam indo para Salvador e montam por lá uma pensão: ao contrário de Raimunda e Antônio Vítor, os dois se rendem.

Don'Ana Badaró se envergonha de não possuir mais terras de cacau e concorda com a mudança proposta pelo marido. Da fazenda só levam o papagaio Chico e as lembranças. Don'Ana envelhece, se rende.

Ela e o Capitão acompanham as notícias de Ilhéus, do cacau, da cotação do cacau. Vivem tão longe e tão perto daquele mundo. Don'Ana dá ordens na pensão,

na cozinha. Rendida em uma pensão, não parecia em nada a moça que não se deixou render na casa-grande dos Badarós, no dia em que Horácio da Silveira e seu bando a invadiram:

Don'Ana tinha agora os cabelos brancos. E quando levantaram [ela e o Capitão] do banco e tomaram o rumo da pensão eram dois velhos que já não tinham o que fazer no mundo. A sombra do Instituto do Cacau os acompanhou durante um trecho do caminho. (AMADO, 1982b, p. 316).

A terra ainda continuava dentro dela. O amor à terra, ao cacau, ao sul da Bahia. "Já não ter o que fazer no mundo" significava que, apesar de não ter o fim trágico (e heróico) de Raimunda, também Don'Ana havia morrido, na essência, junto com o desfazer de seus domínios e de seus sonhos.

É, sem dúvida, um final melancólico, sem heroísmo, sem esperança, em um declínio injusto, porém compreensível e palpável dentro da narrativa – isto é, claro, se pensarmos em sua trajetória até **São Jorge dos Ilhéus**.

É impossível, então, não preferir o final da brava Don'Ana Badaró de **Terras do sem-fim**. É daquela Don'Ana, pois, que este trabalho trata.

Abstract

This article presents a study on the embryo of feminine in Jorge Amado's work. Its objective is to focus on the analysis of the character Don'Ana Badaró (**Terras do Sem-Fim** and **São Jorge dos Ilhéus**), as a precursor of this feminine, recognizing in a feminine and social ideal as well as the reasons why it was classified as a woman of earth and rain.. The work focused mainly on data collection and on the analysis on the feminine figure, also relying on the presentation of the book **Terras do sem-fim** - which stands out most Don'Ana Badaró - addressing plot, historical context, fortune critical, and the presentation of character study - her name with their meanings and variants, their physical and psychological characteristics, their relationship with the other characters in the book.

Keywords: Feminine. History. Literature. Social.

Referências

AMADO, Jorge. **São Jorge dos Ilhéus**. Rio de Janeiro: Record, 1982b.

AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. Rio de Janeiro: Record, 1982a.

ANDRADE, Oswald de. Fraternidade de Jorge Amado. In: MARTINS, José de Barros (Org.). **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. São Paulo: Martins, 1961. p. 165-167.

AZEVEDO, Sebastião Laércio de. **Dicionário de nomes de pessoas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

BARBOSA, Rolmes. Leitura. In: MARTINS, José de Barros (Org.). **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. São Paulo: Martins, 1961. p. 197-198.

BASTIDE, Roger. Jorge Amado e o romance poético. In: MARTINS, José de Barros (Org.). **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. São Paulo: Martins, 1961. p. 193-196.

CANDIDO, Antonio. Poesia, documento e história. In: MARTINS, José de Barros (Org.).

Jorge Amado: 30 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1961. p. 168-179.

CASTRO, Werneck de. "Terras do sem-fim". In: MARTINS, José de Barros (Org.). **Jorge Amado:** 30 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1961. p. 167.

CUNHA, Carlos. "Jornal de Letras". In: MARTINS, José de Barros (Org.). **Jorge Amado:** 30 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1961. p. 220.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado:** romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FREYRE, Gilberto. Dois livros. In: MARTINS, José de Barros (Org.). **Jorge Amado:** 30 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1961. p. 187-189.

HOLANDA, Nestor de. "Terras do sem-fim". In: MARTINS, José de Barros (Org.). **Jorge Amado:** 30 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1961. p. 192-193.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes:** mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SILVERMAN, Malcolm. **Moderna ficção brasileira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.